

CRISE DO TEATRO E CRISE GERAL DA SOCIEDADE BURGUESA

por Fernando Luso Soares

J. SANTOS SIMOES

1

V

=====

Quando se fala em "crise do Teatro" ao nível das conversas comuns, pensa-se logo em problemas de política imediata: a censura, a debilidade económica das companhias, a burocratização dos actores, o gosto (mau ou indiferenciado) do público, o preço dos bilhetes. A questão agora, porém, não é essa. É diferente o conceito de "crise" que me parece mais importar a um Congresso onde vão ser postos em discussão tantos dos problemas que concernem à estrutura e à dinâmica da vida democrática em Portugal. Daí o enunciado do meu tema - **Crise do Teatro e Crise Geral da Sociedade Burguesa**. Com efeito, a crise do teatro integra-se noutra de enquadramento pleno: a da crise geral da sociedade burguesa capitalista.

Vejamos, no entanto, em que termos é que isso acontece.

A "crise geral do capitalismo" é um fenómeno que, na sua visão de síntese informativa, consta dos glossários. Se consultarmos, por exemplo, no **Dicionário Filosófico** de M. M. Rosental e P. F. Iudin, a rubrica assim designada, ser-nos-á dado ler o seguinte:

"A crise geral do capitalismo, no seu desenvolvimento, passa por várias fases. A primeira surgiu no período da guerra imperialista de 1914 e, principalmente, como resultado da vitória da revolução socialista de outubro na Rússia. A segunda surge no período da guerra mundial de 39 e, sobretudo, como resultado do aparecimento dos regimes de democracia popular em vários países da Europa e da Ásia - e o traço decisivo deste segundo período consiste em que o socialismo ultrapassa o quadro de um só país para se constituir sistema mundial. Finalmente, a terceira fase da crise geral do capitalismo inicia-se na segunda metade da década de 1950 - e a sua peculiaridade manifesta-se no ter ela surgido, não como resultado duma guerra mundial, mas mercê do ambiente competitivo e de luta entre dois sistemas (capitalismo e socialismo), com a derrocada do sistema colonial do imperialismo, e uma crescente alteração da correlação de forças favorável àquele socialismo".

O problema cifra-se no seguinte:

- por um lado, a pretensão burguesa de que a organização capitalista da sociedade ocidental se mantém e manterá uma "verdade eterna" (isto é, o último estágio da evolução social); por outro, a tese científica de que o capitalismo não passa de ser, como aliás aconteceu a todas as anteriores



2
estruturas sociais, uma fase transitória, caducável e em próximas vias de óbito.

Na encruzilhada destes caminhos aí temos o homem burguês, quase abencerragem, a enganar-se a si próprio. Ou a enganar os outros, seus semelhantes, enquanto governante. Por uma espécie de hipocrisia defensiva, ao nível ideológico, e expressa por meio da violência ao nível policial, o burguês reconhece a sua decadência, mas sustenta tenazmente (dir-se-ia hipocritamente) a sua plenitude. Num conhecido estudo de 1934 - "Nietzsche como precursor da estética fascista" - Lukács arranca de uma frase do *Ecce Homo*, que transcrevo para concluir, nesta conformidade e no que se refere propriamente aos problemas da arte frente às estruturas sociais, que não há um só pormenor daquela estética que não proceda, directa ou indirectamente, do autor de *Assim Falava Zaratustra*. "Pois à parte do que sou um decadente - reza a tal frase - ,sou também totalmente o contrário". Enfim: uma vontade de subsistir como válido e operante, mau grado o reconhecimento da própria decadência.

Isto pode levar a outra afirmação, ainda de Lukács. Num estudo de 1909 - apesar de à data o filósofo se situar antes da sua adesão ao materialismo dialéctico - já ele reconhecia que "a existência burguesa é uma simples máscara, aliás negativa como todas as máscaras. Logo, transpondo a questão para as coordenadas do motivo que nos move neste momento, eu diria que o teatro burguês (como tal) é a máscara de uma outra máscara ainda. Isto é: uma espécie de missa noturna onde a "plateia", no dizer de um prefaciador dos textos teóricos de Bertolt Brecht, esquece a sua existência real, trágica (como burguesa), para mergulhar nos transe embriagadores de uma vida fictícia.

Mas será possível, a alguém nascido no seio da burguesia, procurar viver de uma maneira não-burguesa?... Ou, por outras palavras, segundo a já celeberrima pergunta de Friedrich Dürrenmatt a Brecht: - acaso poderá o mundo actual ser reproduzido pelo Teatro?...

Responder negativamente equivalia a impugnar a História. Seria, enfim, contestar, de acordo com o pensamento idealista e a ideologia do bezerro de ouro, a existência de uma crise geral da sociedade burguesa.

De acordo com os ensinamentos do estruturalismo genético (de um Lucien Goldmann) continuo a ter como exacto que o comportamento humano

não abdica de várias tendências. Designadamente de três: em primeiro lugar porque ele tende à significação e à racionalidade; em segundo porque todos os indivíduos tendem a uma visão de grupo que, sendo em si mesma coerente, não implica qualquer estagnação; e finalmente, em terceiro lugar, porque todo o comportamento humano tende à superação. E creio que estas características, desenhadas pelo estruturalismo, não deixam de ser ponto de partida para um pensamento dialéctico enquanto se afirma que os comportamentos humanos são ou tendem a ser significativos.

A palavra estrutura são, desafortunadamente, como uma sinfonia estática. Mas isso carece de rigor, de exactidão. É preferível falar, não em "estruturas" (já que estas só raramente existem na vida real, e mesmo assim só durante tempos muito curtos), mas antes declaradamente em "processos de estruturação". É que, na verdade, todo o comportamento humano tende à já referida superação, o mesmo é dizer àquela negatividade trazida por Hegel ao pensamento, senão também à velha superação pascaliana, representante conceitual de um carácter activo, transformador e prático de toda a acção social e histórica.

Esta tendência indeclinavelmente superatória do comportamento humano equivale a ter como certo, por outra via, aquilo que se conhece desde Hegel: a natureza transitória da realidade, das estruturas sociais. O comportamento constantemente superatório do homem implica, portanto, a crise geral do capitalismo, a qual afecta, na plenitude, tanto o regime económico estadual, como a política, a arte e todas as demais esferas da vida e da sociedade ocidental contemporânea.

A verdade, no entanto, é que a burguesia de modo nenhum quer admitir o processo da sua catástrofe. Tal facto levá-la-ia (ao arrepio da sua persistente e obstinada vontade mistificadora) a abrir os braços à verdade científica do socialismo. E é precisamente por esse motivo, como anotava Lukács em **Realismo e Existencialismo**, que a filosofia burguesa achou por bem orientar-se para o lado esconso de uma dilemática alternativa. Explicando melhor: - a filosofia burguesa tem como dogma, como "verdade eterna", o facto de a sociedade ter atingido o seu derradeiro termo evolutivo com o advento do capitalismo. Já o dissemos. Antes daquele, todas as fases económico-sociais da História puderam gozar de realidade. Porém, depois do capitalismo só ele próprio e mais nada pode vir a ser real. O capitalismo constituiria, em consequência, o "estado são" - o que implicava negar-se logicamente a existência de uma crise geral.

Erro (falsidade) imperdoável. A razão dialéctica da História aponta, necessariamente, a catástrofe da estrutura social burguesa mercê da referida crise. Não há que fugir - mas o burguês finge. Como a Razão aponta irrecusavelmente a sua catástrofe, ele preferiu enveredar pela afirmação oposta (inversa), sustentando antes a catástrofe da mesma Razão. Uma espécie de reivindita. E, seja como fôr, um irracionalismo deliberado. Ou, por outras palavras, a mentira consciente: - que não há uma crise geral da sociedade burguesa, mas simples crises acidentais, doenças temporárias do corpo social.

Partindo daquele artifício da perfeição social capitalista, o pensamento burguês explica (através de um conceito de "crise temporária") todos aqueles instantes que se lhes mostram adversos, contrários à tranquila estagnação. O pensamento burguês, portanto, considera a crise como um estado accidental análogo à doença, ou periódico como o cataménio. Mas a sociedade em crise tem de recompôr-se. Para cada crise o seu remédio: a repressão, a violência administrativa e policial, a censura, as conversas em família.

A teoria de que a crise é temporária representa, na verdade, um aliciante subterfúgio para o pensamento burguês. Ela destina-se a negar realidade à única e verdadeira crise, que - como já se disse - é geral e contínua, constante e irreversível. Do mesmo passo, sustentando que a crise é assim, e sempre, um facto temporário e anómalo, a filosofia burguesa procura recuperar a validade secular (?!?) das suas "verdades".

Já noutro local referi, a título de exemplo e a este propósito, um comportamento táctico que entre nós foi praticado, em tal sentido, pelo estruturador político do neogarrettismo e, consequentemente, do chamado integralismo lusitano. Efectivamente, num passo que se encontra no seu estudo introdutório às *Memórias e Alguns Documentos para a História e Teoria das Cortes*, do segundo visconde de Santarém, António Sardinha referia-se desta maneira ao mais clássico pontífice (estrangeiro) do pensamento nacionalista (português): "Bonald disse, duma vez, que se os seus princípios não eram os princípios deste século, eram pelo menos os princípios de todos os séculos".

Senhora de que os seus princípios são os de todos os séculos, a ideologia burguesa considera crise momentânea a existência do socialismo científico. Em face do que mais uma vez cito Lukács, agora em *O Assalto à Razão* - trajectória do irracionalismo desde Schelling a Hitler.

Lukács observava ironicamente que a burguesia se considera em "cruzada" contra a crise "passageira" do socialismo. E assim se considerou, na verdade, o general Franco na guerra civil espanhola. Atitudes como esta constituem "uma velha herança da ideologia burguesa convertida em reaccionária, e já vimos - repete Lukács - que foi Nietzsche quem rompeu em toda a linha a luta ideológica contra o socialismo..."

Ocorre, entretanto, perguntar como é que na hora actual o pensamento burguês insiste na por ele pretendida transitoriedade (crítica) do socialismo. E a resposta certa parece ser uma desta ordem: - precisamente através da própria democracia burguesa. "Há muito tempo - acrescentará ainda Lukács no termo daquele seu livro - que o mundo, fora dos Estados Unidos, tal como os norteamericanos mais perspicazes e honrados, vem dando conta de como a "liberdade democrática" pode ir-se convertendo gradualmente num sistema de coacção fascista, sem necessidade de implantar nenhuma espécie de alterações formais. E para compreender isto nem sequer faz falta termos uma consciência marxista".

A verdade é que tal rota reaccionante se encontra analisada na obra de ficção de um escritor profundamente burguês como Sinclair Lewis. **Entre nós isso não pode acontecer** - é o título do livro, e não obstante... Mas, repara também Lukács, tudo isto se verifica a par de muitas ilusões à-cerca da atitude da burguesia liberal antes de ele ter desmascarado, certamente, em **Elmer Gantry**, por exemplo, a trágica realidade de um terror fascista "democraticamente" tolerado, senão até cuidadosamente incubado.

A conclusão que me parece agora útil (para ser discutida num Congresso democrático) reside na resposta que foi dada à pergunta de Durrenmatt a que atrás me referi. "O mundo actual - replicou Brecht - só pode ser reproduzido, para os homens do presente, se fôr descrito como um mundo em transformação".

Isto implica a negação, segundo um prisma realístico, de todo o Teatro burguês - o qual, na esteira da respectiva ideologia, escamoteia (no palco) a discussão das suas "verdades eternas". Teatro realista só é aquele que demonstra, esteticamente sem dúvida, a alterabilidade fundamental do mundo e do homem. E não haverá melhor remate, para esta tese do que, a propósito fazemos a transcrição integral do § 332 do **Pequeno Organon para Teatro**.

Ele constitui, ainda hoje, um documento de discussão obrigatória.

"O Teatro, tal como o conhecemos actualmente - advertiu Brecht no **Pequeno Organon** - apresenta a estrutura da sociedade (representada no palco), como incapaz de ser modificada pela sociedade (representada na sala). Édipo pecou contra os princípios sustentados pela sociedade da sua época, e é executado: os deuses velam por ele, e estes não são susceptíveis de crítica. As grandes personagens solitárias de Shakespeare, que trazem no peito a estrela dos seus destinos, são irresistivelmente empurradas para o abismo e, vãs e mortais, liquidam-se a si próprias. A vida, e não a morte, torna-se obscena enquanto desabam - e as catástrofes não são susceptíveis de crítica. Sacrifícios humanos! Bárbaras diversões! Nós sabemos que os bárbaros têm uma arte. Pois então façamos outra".

Fernando Luso Soares

F. Luso Soares

CONCLUSÕES

DA TESE "CRISE DO TEATRO E CRISE GERAL DA SOCIEDADE BURGUESA", de FERNANDO LUSO SOARES



1ª - A crise do Teatro integra-se noutra de pleno enquadramento: a da crise geral da sociedade burguesa capitalista.

2ª - A ideologia burguesa pretende que a organização capitalista da sociedade ocidental se mantém (e manterá) como último estado da evolução social.

3ª - Ao contrário, porém, sustenta-se (nesta tese) que o capitalismo não passa de ser - como aliás aconteceu com todas as anteriores estruturas sociais - uma fase transitória, caducável.

4ª - Daí, ser geral a crise do capitalismo: - não é um ou outro dos seus sectores, das suas instituições, que está em crise temporária remediável; é antes todo o sistema que, em si mesmo, caminha para o desaparecimento. Logo,

5ª - É de crise todo o Teatro que nos apresenta uma sociedade burguesa doente mas sanável - tal como é de análise crítica todo aquele outro que nos mostra a sociedade burguesa no seu ocaso irrecuperável.

FERNANDO LUSO SOARES

